

**Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional
sobre as Festas do Divino Espírito Santo
Winnipeg/Canadá
11 a 15 de junho 2014**

Espírito Santo: persistência e resistência do Império

Hélder Fonseca Mendes

O culto do Divino Espírito Santo é uma manifestação da religiosidade ou catolicismo popular, com a particularidade excepcional de se dirigir à terceira pessoa da Santíssima Trindade, quando habitualmente esta se dirige a Cristo, a Maria ou aos Santos. Caracteriza-se pela sua simplicidade, sensibilidade à partilha e às necessidades alheias, pela vida comunitária, pela gratuidade, dádiva e gratidão, para com Deus, os irmãos e mesmo os «não – irmãos». É uma forma de religião inculturada, corporal, sentimental, ativa, participativa, de autogestão, rica de gestos, com apreço pela terra, as raízes, a pertença. Privilegia o dom e a alegria, sobre as penitências e os sacrifícios, típicos de outros modos da religiosidade popular, mesmo açoriana.

Nas origens do culto popular do Espírito Santo encontramos quatro fontes: 1. A Bíblia, com as suas festas de Pentecostes (primeiro, como conteúdo agrário: festa das ceifas com consagração a Deus das primícias das searas, depois, como celebração memorial da Aliança do Sinai, onde o povo hebreu terá chegado 50 dias após o êxodo pascal; agora com o dom do Espírito substituindo-se à dádiva da Lei, como fundamento de uma aliança nova que reunirá a humanidade inteira; 2. a espiritualidade medieval lançada por Joaquim de Fiore e desenvolvida pelos franciscanos que a trazem para todas as ilhas dos Açores; 3. a social, política e filosófica, tomada pelas cortes europeias dos séculos XII e XIII, onde se situa D. Dinis e santa Isabel, a quem se pode atribuir a maternidade ritual dos festejos sob a forma de império; 4. o povoamento das

ilhas, a partir do final do século XV, por católicos já marcados cultural e culturalmente pelo espírito e ritos do Império, onde a carne, o pão e vinho eram os elementos básicos para o culto.

O que distingue este culto é a sua acentuação à terceira pessoa da Santíssima Trindade. Curiosamente é a mais difícil de representar. Com os símbolos bíblicos da pomba e da cruz, com que encima a coroa real passa a ser representável. A novidade que lhe é acrescentada e própria é o modo e a dinâmica do Império. Na Bíblia, seria a soberania do Espírito que modifica o modo pessoal e social de viver; na tradição real europeia e portuguesa, aparece o Império que é do Espírito e dos pobres, e não dos poderosos ou possessivos.

O culto em si é bom. As pessoas, os ideais e valores que promovem também. Como toda a religião, precisa do Evangelho para lhe dar sentido e o purificar. O mesmo Espírito é também a alma e a vida da Igreja. As maiores dificuldades apareceram à hora de compaginar a relação entre o poder espiritual (hierarquia) e dos ditos imperadores, outros oficiais e ritos do Império, com a liturgia «oficial». Além disso, deve-se enquadrar o «controlo» do culto na reforma tridentina como resposta à reforma protestante e aos abusos existentes. Apesar de todas as críticas, note-se que os protestantes nunca aceitariam este culto. Nem os seus praticantes se considerariam como tais. A Igreja reformada também não podia aceitar tudo, quando afinal o sonho de Fiori é que a Igreja seja mais espiritual e menos carnal. Felizmente nos Açores houve compreensão, tolerância, mas também admoestações e resistências, aliás, comuns a outras práticas da religiosidade que tem que ver mais com a moral do que com a fé.

Da apreciação dos pronunciamentos dos bispos dos Açores, dos séculos XVI a XX, concluímos não haver intervenções doutrinárias de fundo que levem a proibir o culto popular do Espírito santo, sobretudo em época da reforma tridentina, o que não seria difícil. Nota-se certas repreensões, proibições, advertências, ameaças, correções, conselhos e sugestões, não quanto à essência do culto - que afirmam ser boa, mas também se nota da outra parte uma forte persistência, senão mesmo resistência popular. É habitual, antes de uma correção vir um elogio do bispo sobre o fundamento

e a razão de ser, sobre a bondade do culto. Houve necessidade de corrigir abusos e desvios nas formas de expressão e concretização, aliás, próprios da exuberância e do excesso das festas em geral, assim como problemas de liderança entre o poder do clero não partilhado pelos leigos, pela infração de normas litúrgicas oficiais por outras próprias do império, em que o lugar do sacerdote e do imperador chocavam, e ainda por questões morais, a pretexto ou decorrentes dos festejos.

A sua implantação na sociedade açoriana vem pelas vias do povoamento e da ação franciscana. Estas festas permitem o entendimento entre os diversos povoadores, enquadram-se num espírito de solidariedade na luta contra as dificuldades (da natureza e do isolamento geográfico e social); pela simplicidade dos elementos materiais necessários (mais próprios de uma cultura agrária do que urbana); pela falta de uma «segurança social» organizada; pela pouca resistência do clero que incorporava em si os valores do Império com a ajuda franciscana; pela resistência à dominação política filipina, na afirmação das tradições locais próprias; pelas construções de pequenos edifícios (impérios e despensas); pela importância da emigração que levou o culto para fora, mas que de fora, o apoiou para dentro; pelo agradecimento e a representação de papéis sociais em estatutos alcançados e representados no Império.

Há três estações ou lugares onde as festividades decorrem: a casa, o império e a igreja. Quando dizemos festividades, dizemos trabalhos, canseiras, gastos, orações, comidas, etc. Durante o ano e o tempo pascal é nas casas, nas famílias a quem saiu o Senhor Espírito Santo, no ano anterior, que decorrem os festejos. É ao imperador a quem cabe cumprir ou dar a «função» do Império. O prazer de ser imperador é o de servir e de dar, nem que seja por um dia. Nas semanas à volta dos Domingos de Pentecostes (50 dias depois da Páscoa) e da Santíssima Trindade (8 dias depois) é que as Irmandades, através dos seus mordomos, procuradores ou comissionários, cumprem os deveres e rituais do Império, sobretudo através de esmolas aos irmãos e aos pobres.

As festividades têm três componentes muito fortes: 1. a oração e celebração com a coroação do imperador; 2. a comunitária, com os jantares e arraiais; 3. a social, com a distribuição de esmolas, de pão, vinho e carne aos irmãos e a todos os necessitados. O

rito da coroação diz que o Império do Espírito Santo é dos que são como as crianças, como os pobres, como os presos, etc. Se uma pessoa destas governa o dito império, a lógica do governo é outra daquela que os impérios deste mundo promovem. O culto tem uma forte carga profética e política, sem qualquer pretensão de imitação de papéis ou destituição de poderes.

O culto foi dos Açores para a diáspora: para o Brasil no séc. XVIII; para os E.U.A. no séc. XIX e para o Canadá no séc. XX, mas também foi apoiado da diáspora para as ilhas. Ainda hoje é habitual ouvir um jorgense emigrado dizer que «vai dar um gasto» à sua ilha., isto é, que vai promover uma festa do Espírito Santo com tudo o que isso implica de custos e sacrifícios, na gratidão e na alegria. O culto é simples e foi evoluindo desde coroas de espadão, latão, à prata; pão, vinho e carne; pequenos edifícios como capelas e pouco mais. Os devotos foram vestindo o Espírito Santo com flores nas coroas e nos bezerros enfeitados, que foram criados em louvor do Espírito Santo para repartir com os pobres, em abundância. Na Terceira, a festa «dos bodos» é fechada com uma corrida de touros. O modo de cozinhar de cada ilha dá sopas e jantares diferentes, pelos temperos. A rainha santa Isabel que não é representada nas ilhas, passou a sê-lo na diáspora, com meninas que são o orgulho da família e da comunidade em terra estrangeira. Na sua roupagem é uma afirmação da tradição religiosa e patriótica. Curiosamente, dos E.U.A. esta tradição já chegou ao sul do Pico e ao Corvo.

O culto do Espírito Santo é muito importante na Igreja: é Ele que fala pelos profetas e anima a Igreja. Há movimentos carismáticos de atenção particular ao Espírito. O que é marcadamente açoriano é a forma do Império, e esta é uma iniciativa tipicamente popular, onde o mesmo Espírito também se manifesta. O desafio é duplo: por um lado, não esvaziar o Império da verdade do Espírito Santo como «pai dos pobres» e, por outro, fazer que o Espírito Santo «impere» na sociedade e na Igreja. É esse o sonho dos pais fundadores do Império, dos nossos persistentes e resistentes antepassados, que nos tornaram missionários do Espírito Santo no Mundo.

Angra, Maio, de 2014

Hélder Fonseca Mendes